ISSN: 2594-6153

Sustentabilidade como estratégia de negócios: o Índice de Sustentabilidade Empresarial - ISE

Rita de Cássia Araújo[1], Sílvia Lima Oliveira dos Santos[2], Maria Cristina Matos[3], Walter Barrela[2]

[1]Universidade São Judas, Santos-SP, Brasil.
[2] Universidade Santa Cecília, Santos-SP, Brasil - PPG-ECOMAR,.
[3] Universidade Santa Cecília, Santos- SP, Brasil- Pós-Graduação Lato Sensu-

E-mail: professora@ritaaraujo.com.br

Resumo: Devido ao questionamento da sociedade e dos investidores por mais ações que minimizam os impactos negativos das atividades empresariais, o mercado financeiro passou a incluir a questão socioambiental na composição de suas carteiras, por meio de métodos que avaliam indicadores de sustentabilidade nas organizações. Este trabalho teve por objetivo conhecer mais sobre o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) e verificar a atual adesão das empresas. Utilizou-se pesquisa bibliográfica e documental para alcançar o objetivo. O resultado mostrou que das 179 companhias convidadas, apenas 41 responderam ao questionário, sendo que destas apenas 33 compõem a atual carteira do ISE, representando 12 setores diferentes. Embora a adesão ao índice ainda seja baixa, a sustentabilidade nas organizações está caminhando para se tornar fundamental em qualquer plano estratégico de longo prazo.

Palavras-chave: Sustentabilidade organizacional; Mercado financeiro; Desenvolvimento sustentável.

Sustainability as a business strategy: the Corporate Sustainability Index

Abstract: Due to the questioning of society and investors by actions that minimize the negative business needs, the financial market starts to include a socio-environmental issue in the composition of its portfolios, through methods that evaluate the indicators of sustainability in organizations. This work has to do with updating companies. Bibliographical and documentary research was used to reach the objective. The result showed that of the 179 companies invited, only 41 answered the questionnaire, of which only 33 make up the current ISE portfolio, representing 12 different sectors. While adherence to the index is still low, sustainability in organizations is on track to become critical to any long-term strategic plan.

Keywords: Organizational sustainability; financial market; sustainable development.

Introdução

Há algum tempo a sociedade está sofrendo as consequências de um modelo econômico exploratório e não-sustentável, pois os recursos naturais já estão sendo extinguidos, as mudanças climáticas alteram o equilíbrio dos ecossistemas e acidentes ambientais de grande proporção estão afetando o planeta como um todo. Por muito tempo as organizações olharam para as ações socioambientais como uma obrigação a cumprir, ou apenas uma série de requisitos legais e normas que poderiam atrapalhar a produtividade e gerar custos, diminuindo o lucro final. [1,2] Porém, diante do cenário de consequências desastrosas e agravamento dos problemas ambientais, em meados das décadas de 1970 e 1980, os agentes da sociedade questionaram o modelo econômico vigente à época, e assim, as organizações passaram a ficar

mais atentas às questões ambientais, a princípio para evitar de serem responsabilizados por dano ambiental. Nesse sentido, foram surgindo novos conceitos, com os setores da sociedade se unindo para buscar soluções, especialistas de várias áreas se reuniram para criar um modelo econômico que se voltasse para as futuras gerações e tivesse o foco na gestão a longo prazo. Após o surgimento na década de 1990 da organização *Business for Social Responsability* (BSR) e sua repercussão mundial, o movimento de responsabilidade social se tornou mais reconhecido. [1,2,3]

Inicialmente a economia considerava que o meio ambiente seria um fator limitante para crescimento econômico, porém, essa visão foi transformada e evoluiu para uma visão chamada de economia ecológica, uma dicotomia de produtos e serviços ambientais, onde os ecossistemas prestam serviços gratuitamente e nos fornecem seus produtos, os quais são frequentemente chamados de recursos naturais. Com o passar do tempo e a evolução dos conceitos de responsabilidade social corporativa e socioambiental, entre outros, as questões socioambientais se tornaram estratégicas para as organizações, não podendo mais serem ignoradas, tratadas como caridade ou filantropia ou, simplesmente, deixadas de lado. O movimento socioambientalista cresceu e muitos fatores contribuíram para que a responsabilidade empresarial se destacasse no Brasil e no mundo, o que fez surgir um mercado consumidor exigente, voltado para as questões socioambientais [3,4,5].

O presente estudo tem como objetivo conhecer mais sobre o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) e verificar a atual adesão das empresas.

Material e métodos

Considerando os objetivos da pesquisa, o presente estudo configurou-se como exploratório e descritivo, uma vez que buscou conhecer melhor o Índice de Sustentabilidade Empresarial e descrever quais empresas e setores o compõem atualmente. Para alcançar os objetivos propostos foram utilizadas pesquisa bibliográfica e documental, por meio da busca em livros, artigos e dados secundários disponíveis no *website* da Bovespa.

Resultados

No final da década de 1990 o mercado financeiro se voltou para a problemática socioambiental, e foram criados os primeiros fundos que consideravam em suas carteiras questões de responsabilidade social e ambiental. Em 1999, a bolsa de Nova York lançou o *Dow Jones Sustainability Index*, e no Brasil essa vertente começou a tomar força no início do século XXI. Em 2001, o Unibanco lançou os fundos verdes, surgindo os primeiros Investimentos Socialmente responsáveis [6].

O Índice de Sustentabilidade Empresarial – ISE - foi criado em 2005, pela Bovespa em parceria com a escola de Administração de empresas de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas (FGV-EAESP), para atender um nicho que se apresentava com forte presença no ambiente de investimento, onde a sustentabilidade já estava se tornando muito forte na sociedade, e visando estimular a responsabilidades e a ética nas corporações. O ISE, se tornou uma referência no Brasil quanto a incorporação da sustentabilidade e seus critérios para avaliar a rentabilidade das empresas. O índice está firmado no tripé da sustentabilidade ou *triple bottom line*, buscando se tornar um *benchmark* para os fundos éticos, sendo que entre os principais fundamentos do ISE estão a transparência, o diálogo com as partes interessadas e a sociedade, o aperfeiçoamento contínuo do escopo e do processo, e a autonomia financeira, metodológica e decisória. Dentre os objetivos estratégicos do índice para o período de 2016 a 2020, estão contemplados aumentar a relevância do ISE para os investidores, fortalecer seu papel para uma cultura de sustentabilidade nas empresas e ampliar o reconhecimento do Índice pela sociedade [6,7, 8, 9, 10].

Para selecionar as empresas que compõem o ISE foi enviado um questionário para as companhias que negociam ações na Bovespa. O questionário possui cinco grupos de indicadores, sua metodologia foi criada pelo centro de estudos de sustentabilidade da Fundação Getúlio Vargas (GVces). A recente carteira do ISE foi anunciada em 23 de novembro de 2017. Esta carteira reúne 33 ações de 30 companhias e representa 12 setores, somando R$ 1,28 trilhão em valor de mercado (Quadro 1). Para o processo de composição desta carteira foram convidadas 179 companhias, emissoras das 200 ações mais líquidas na B3. Apenas 41 companhias se inscreveram no processo, sendo 37 elegíveis, 3 na categoria Simulado e 1 Treineira. As respostas das 30 companhias da carteira 2018 já estão disponíveis no site do ISE [7, 10,11,12]

Quadro 1: Empresas e setores que compõem o ISE 2018

	Ações		**Setor**
1	WEG	1	Bens Indls / Máqs e Equips
2	CCR SA	2	Bens Indls/Transporte
3	ECORODOVIAS		
4	NATURA	3	Cons N Cíclico / Prod Pessoal Limp
5	B2W DIGITAL	4	Consumo Cíclico / Comércio
6	LOJAS AMERIC		
7	LOJAS AMERIC		
8	LOJAS RENNER		
9	MRV	5	Consumo Cíclico/Constr Civil
10	BRADESCO	6	**Financ e Outros / Interms Financs**
11	BRADESCO		
12	BRASIL		
13	ITAUSA		
14	ITAUUNIBANCO		

15	ITAUUNIBANCO		
16	SANTANDER BR		
17	CIELO	7	Financeiro e Outros/Serviços Financeiros Diversos
18	DURATEX	8	Mats Básicos / Madeira e Papel
19	FIBRIA		
20	KLABIN S/A		
21	BRASKEM	9	Mats Básicos / Químicos
22	FLEURY	10	Saúde/SM Hosp An.Diag
23	TELEF BRASIL	11	Telecomunicação
24	TIM PART S/A		
25	AES TIETE E	12	Utilidade Públ / Energ Elétrica
26	CELESC		
27	CEMIG		
28	COPEL		
29	CPFL ENERGIA		
30	ELETROPAULO		
31	ENERGIAS BR		
32	ENGIE BRASIL		
33	LIGHT S/A		

Fonte: Adaptado de BOVESPA, 2018. [12]

Discussão

No entender de Cavalcante, Bruni e Costa (2009) [13] não houve evidências de que as empresas que compunham a carteira do ISE possuíam desempenho superior às outras empresas que compunham a Ibovespa, em estudos realizados no período de 30/11/05 a 09/08/06. Porém, estes estudos foram realizados em um curto período, logo após a criação do Índice. Já nos estudos de Beato et al. (2009) [6], realizados no período de 2006 a 2008, o ISE mostrou melhor rentabilidade do que a Ibovespa. Segundo informações atualizadas [11], desde 2005 o ISE apresentou rentabilidade de +185,01%, enquanto o Ibovespa apresentou um valor de +113,72% (base de fechamento em 21/11/2017). No mesmo período, o ISE também apresentou menor volatilidade: 24,67% em relação a 27,46% do Ibovespa.

Na visão de Beato, Souza e Parisotto (2009) [6], na época de seus estudos o ISE apresentava concentração da carteira em empresas do setor bancário e petrolífero, o que era um problema, pois segundo o autor, o índice acabava sendo fortemente influenciado em caso de crise nestes setores, devido a essa condensação. Nos estudos de Teixeira, Nossa e Funchal (2011) [8], as empresas que sinalizam a Responsabilidade Social Corporativa (RSC) demonstraram relação negativa com endividamento e risco, sugerindo que o ISE poderia ser um meio de publicar suas ações socioambientais e melhorar sai imagem com os *stakeholders.* Porém Cavalcante, Bruni e Costa (2009) [13] afirmam que ainda não há consenso nos estudos que buscam associar a responsabilidade social com a performance financeira, pois enquanto alguns estudos apontam influência do desempenho social sobre o financeiro, outros não conseguem comprovar essa relação estatisticamente. Entretanto, para Lins e Silva (2009), [7]

toda empresa que tem uma visão estratégica de longo prazo precisa inserir a questão ambiental no planejamento estratégico.

Considerações Finais

O presente estudo apontou baixa adesão das empresas para responder o questionário e participar do Índice de Sustentabilidade Empresarial. Até o momento não há um consenso sobre a influência da responsabilidade socioambiental no desempenho financeiro, porém, a tendência atual é de que a sustentabilidade se torne cada vez mais uma questão estratégica na gestão dos negócios.

Agradecimentos: A autora Sílvia Santos agradece o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

Referências bibliográficas

1. TOSINI, M. F. C.. **Risco ambiental para as instituições financeiras.** 1ª Edição. São Paulo: Annablume, 2006.
2. LEMOS, Â. D. da C.; MELLO, M. C. A; NASCIMENTO, L. F.. **Gestão socioambiental estratégica**. Porto Alegre: Bookman, 2008.
3. ANDRADE, R. O. B. de; TACHIZAWA, T.. **Gestão socioambiental:** estratégias na nova era da sustentabilidade. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008
4. DUARTE, C.O.; TORRES, J. Q. R.. **Introdução**. *In*: Responsabilidade social das empresas: a contribuição das universidades, Volume 4. São Paulo: Peirópolis: Instituto Ethos, 2005.
5. DALY, H. E. **Prefácio à segunda edição**. *In:* MAY, Peter H. (org.). Economia do meio ambiente: teoria e prática. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. (2. Ed.)
6. BEATO, R., SOUZA, M. T., & PARISOTTO, I. R. (2009). **Rentabilidade dos índices de sustentabilidade empresarial em bolsas de valores**: um estudo do ISE/Bovespa. INMR - Innovation & Management Review, 6(3), 108-127.
7. LINS, L. D. S.; SILVA, R. N. S. **Responsabilidade sócio-ambiental ou Greenwash**: uma avaliação com base nos relatórios de sustentabilidade ambiental. Sociedade, Contabilidade e Gestão, v. 4, n. 1, p. 91-105, 2009.
8. TEIXEIRA, E. Alves; NOSSA, V.; FUNCHAL, B.. O índice de sustentabilidade empresarial (ISE) e os impactos no endividamento e na percepção de risco. Rev. contab. financ. [online]. 2011, vol.22, n.55, pp.29-44. ISSN 1808-057X.
9. PEÇANHA, R. S.. **ISE – Índice de Sustentabilidade Empresarial**: Abordagem crítica sobre processo de seleção da carteira. In: MARCOVITCH, Jacques (org.). Certificação e sustentabilidade ambiental: uma análise crítica. São Paulo, 2012.
10. ÍNDICE DE SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL – ISE. (*website*) Disponível em: <http://isebvmf.com.br> Acesso em: 21 set. 2018.
11. BRASIL – BOLSA – BALCÃO (B3) (*website*) Disponível em: < http://www.b3.com.br/pt_br/market-data-e-indices/indices/indices-de-sustentabilidade/indice-de-sustentabilidade-empresarial-ise.htm> Acesso em: 21 set. 2018.
12. BOVESPA. (website). **Composição da Carteira**. Disponível em: <http://www.bmfbovespa.com.br/pt_br/produtos/indices/indices-de-sustentabilidade /indice-de-sustentabilidade-empresarial-ise-composicao-da-carteira.htm> Acesso: 26 set. 2018.
13. CAVALCANTE, .L. R. M.s T.; BRUNI, A. L.; COSTA, F. J. M.. **Sustentabilidade empresarial e valor das ações**: uma análise na bolsa de valores de São Paulo. RGSA – Revista de Gestão Social e Ambiental Jan. – Abr. 2009, V.3, Nº.1, p. 70-86.